

## ELOGIO DA SENHORA PROFESSORA MARIE-LOUISE BASTIN

António Custódio Gonçalves\*

1. Por designação do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, cabe-me a honra e simultaneamente o encargo de proferir as palavras protocolares, devidas a este acto solene de outorga das insígnias de Doutora Honoris Causa à Senhora Professora Marie-Louise Bastin. É para mim uma honra, mas também uma responsabilidade. Embora tenha tido o privilégio de participar em lições proferidas na Universidade de Bruxelas e de ter contado a Senhora Professora como membro do meu júri de Doutoramento na Universidade de Lovaina, conjuntamente com o Prof. Albert Maesen, Director do Museu Real da África Central, em Tervuren, a verdade é que, dedicando-me predominantemente aos domínios da Antropologia e da Sociologia, não me sinto com competências específicas no domínio da Arte. Aceitei, contudo, o encargo, ciente das minhas limitações, mas também de que as minhas porventura descoloridas palavras não ofuscarão os atributos que há muito são reconhecidos e apreciados internacionalmente, no campo da arte africana, em relação à Senhora Professora Marie-Louise Bastin.

Por que terei sido eu designado para proferir, neste acto solene, o elogio protocolar? Permitam-me referir aqui os nossos interesses comuns em relação ao conhecimento e à experiência das realidades sócio-culturais de Angola.

2. Foi nos domínios da pesquisa sobre a arte africana, e especialmente da dos povos Tshokwe ou Quiocos, que Marie-Louise Bastin se tornou uma especialista invulgar. Paixão e paciência foram, em meu entender, duas das qualidades maiores que caracterizaram

\* Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto.

Marie-Louise Bastin, ao longo da sua notável vida académica e científica. Já aos dezoito anos, se tornou uma apaixonada pela arte africana: paixão que o Professor Luc de Heusch classifica de “incondicional e precoce”<sup>1</sup>. Na verdade, em 1937, inscreveu-se no Instituto Superior de Arquitectura e de Artes Decorativas da Câmbrria, fundado pelo conhecido Prof. Vandervelde, obtendo, três anos depois, o seu diploma.

Trabalhou posteriormente com o Senhor Professor Luc de Heusch, que nos deu a honra da sua presença para o apadrinhamento deste acto e a quem aproveitou para prestar as minhas homenagens. A Professora Marie-Louise Bastin, sob a orientação do Professor Luc de Heusch, defendeu publicamente, em 1966, com alta distinção, a sua tese de licenciatura sobre a Estatuária Tshokwe, publicada em França mais tarde com o título “*Statuettes Tshokwe du héros civilisateur “Tshibinda Ilunga”*”. Em 1973, discutiu-se em público a sua dissertação de Doutoramento sobre o conjunto da estatuária Tshokwe, publicada quatro anos mais tarde, igualmente em França, com o título “*La sculpture Tshokwe: essai iconographique et stylistique*”.

**3.** Mas afinal quem são estes povos Tshokwe, por cujo estudo Marie-Louise Bastin se apaixonou?

Em 1885, conquistaram o reino da Lunda, a nordeste de Angola, e actualmente habitam sobretudo a região do Alto Cassai. As colonizações portuguesa e belga forçaram-nos a emigrar cada vez mais para leste, fixando-os em parte da actual República Democrática do Congo e do noroeste da Zâmbia. Uma parte deles expandiu-se, depois, para sul, em Angola, do Cunene ao Cuanhama. Originários de uma civilização de caçadores das savanas, foram mestres na arte da caça: os únicos entre os povos Cassai a abater elefantes, para a sua subsistência e para o comércio do marfim. A caça, o comércio e a arte foram a chave do domínio Quioco.

Sendo povos prevalentemente matrilineares, as representações femininas constituem um facto cultural predominante, sobretudo nas máscaras de madeira que gozam de uma reputação internacional.

A cultura Quioca caracteriza-se por um sistema social relativamente homogêneo, construído através de um pluralismo diverso e coerente. Foi no âmbito das relações intra-societais Tshokwe e na encruzilhada de relações com povos aparentados, constituídas através de rivalidades e alianças, de conquistas e submissões, de invenções e apropriações, formando uma unidade interna e um pluralismo coerente do reino Lunda, que se fundamentou a vitalidade do contexto artístico Tshokwe. Este foi identificado pelos críticos de arte pelo

<sup>1</sup> “Préface” in Marie-Louise Bastin, *Introduction aux Arts d’Afrique Noire*, p. 9-11.

poder da sua expressividade, elogiado pela subtileza dos seus arranjos formais, admirado pela sua dignidade austera e pela serenidade das suas figuras escultóricas. Os artistas Tshokwe foram os mais famosos da região. Destacavam-se dois tipos: o primeiro incluía os *songi* e os *fuli* que eram profissionais, mas cuja sobrevivência foi igualmente assegurada pelo cultivo de bens de subsistência para seu próprio consumo. Faziam amuletos *jinga*, estátuas *mahamba*, para os santuários da família, e todos os objectos usados nas actividades da caça, do amor, da magia e da fertilidade. O segundo tipo era constituído por artistas contratados pelas grandes chefaturas que trabalhavam exclusivamente na corte. Esculpiam ceptros, tronos com figuras, leques, caixas de tabaco, cachimbos e estátuas de chefes e de antepassados. Havia grande rivalidade entre os artistas Tshokwe na corte Lunda. Eram famosos pelas suas estátuas de grande dimensão de antepassados deificados, chamados *hamba*, exaltando a força e a dignidade.

4. Marie-Louise Bastin demonstrou grande paciência no seu trabalho de campo. Através de informadores privilegiados, fez, primeiro, a inventariação paciente da simbologia ritual, iconográfica e estilística, inscrita sobretudo nas máscaras e, depois, o estudo das obras de arte da estatuária, contribuindo para a expansão da cultura Tshokwe e definindo os estilos Lwena, Songo, Ovimbundo e Nganguela, processos importantes para a compreensão das estruturas e das dinâmicas sócio-culturais do reino Lunda.

A arte africana é, para Marie-Louise Bastin, não apenas um objecto de conhecimento científico, mas também uma paixão ou, como diria Evans-Pritchard, uma “ciência e arte”. Em 1948, o Prof. Frans Olbreechts, Director do Museu Real da África Central, em Tervuren, e pioneiro dos estudos africanos na Bélgica e um grande apaixonado das artes plásticas africanas, convidou Marie-Louise Bastin para organizar no Museu de Tervuren uma fototeca, que se converteu num importante Centro de Documentação sobre artes africanas. Reconhecida a sua competência, foi aceite como investigadora e colaboradora do Museu de Tervuren.

A fim de alargar ainda mais os seus conhecimentos, efectuou, em 1956, um estágio de vários meses no Museu do Dundo, na Lunda. Foi um período de intensa e frutuosa observação, pesquisa e de estudo profundo e detalhado sobre a arte decorativa dos Quiocos/Tshokwe e dos povos aparentados. O resultado deste trabalho foi publicado, em 1961, em dois importantes volumes, referenciados pelo nº 55 das “Publicações Culturais do Museu do Dundo”. Nas palavras do Dr.

António Barros Machado, profundo conhecedor da história do Museu do Dundo, antigo Director do Laboratório de Investigações Biológicas da Diamang, Doutor “Honoris Causa” pelo Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, desta Universidade, trata-se de um “trabalho basilar e ponto de partida para sucessivos estudos da mesma autora sobre a escultura Quioca, da qual passou a ser a especialista mais reputada, a quem se deve a larga difusão do conhecimento actual da arte Quioca e do apreço em que é tida”<sup>2</sup>.

É de referir que a Companhia de Diamantes de Angola, fundada em 1917, desenvolveu uma notável acção cultural, reunindo um acervo importante de materiais etnográficos num amplo edifício que data de 1947; acervo que foi enriquecido pelas dádivas de autoridades da região. Marie-Louise Bastin teve um papel de relevo no tratamento e na inventariação do espólio etnográfico deste Museu, “um dos grandes museus mundiais de arte e etnografia africana”, como refere Ernesto Veiga de Oliveira<sup>3</sup>.

Marie-Louise Bastin fez do Museu do Dundo um prolongamento do seu trabalho de campo, tendo implementado, com dedicação e rigor, um profundo trabalho da ciência e das técnicas do património. O Museu não foi uma galeria para conservar objectos recolhidos, nem tão pouco para arquivar vestígios dissecados, mas um meio para ajudar à compreensão dos Tshokwe e povos aparentados, pondo em relevo a experiência da diversidade das manifestações culturais. Marie-Louise Bastin contribuiu, assim, para a análise científica da realidade cultural da Museologia, evidenciando, na esteira de Marcel Mauss, que a cultura material, como aliás qualquer âmbito da cultura, assume o significado total do grupo social a que pertence.

Neste contexto, é de toda a justiça sublinhar também o papel desempenhado pelo etnólogo José Redinha, amigo de saudosa memória, conhecido pelo “soba honorário” da Lunda, devido à sua grande empatia com esses povos.

Em finais de 1974, antes da independência de Angola, o Museu do Dundo já tinha alcançado reputação internacional, sobretudo por uma notável colecção de cerca de catorze mil peças etnográficas, das quais avultavam notáveis esculturas quiocas em madeira. Por razões de segurança, foi enviada para Luanda uma selecção das melhores peças desse Museu, num total de cerca de duas mil<sup>4</sup>. Foi também

<sup>2</sup> Veja-se “Notícia sumária sobre a acção cultural da Companhia de Diamantes de Angola” in *Diamang. Estudo do Património Cultural da Ex-Companhia de Diamantes de Angola*, trabalho coordenado pelo Prof. Manuel Laranjeira Rodrigues de Areia e publicado pelo Museu Antropológico da Universidade de Coimbra, 1995, p. 11-28.

<sup>3</sup> Cf. “Museus e Colecções de Etnografia de Angola”, *Revista Garcia de Orta*, Lisboa, 19 (1-4), 1971, p. 25-36.

<sup>4</sup> Veja-se o 2º volume de *Art Décoratif Tshokwe* de Marie-Louise Bastin.

enviada para Luanda uma colecção de peças arqueológicas de pedra talhada e de ferro e uma colecção valiosíssima de gravuras e mapas antigos relativos a Angola e que tinham sido adquiridos pela Diamang. Todas estas obras foram guardadas na chamada “Casa-Museu”, um belo palácio setecentista em plena baixa de Luanda.

Marie-Louise Bastin efectuou, após a independência de Angola, duas novas missões, uma em 1978 e outra em 1984, ao Dundo e a Luanda, a convite da Secretaria Nacional da Cultura de Angola. Desenvolveu um trabalho precioso referente à recuperação e dignificação das culturas africanas, prestando especial atenção à análise das problemáticas do desenvolvimento nas suas modalidades de organização social e expressão cultural, analisadas harmonicamente nas suas sincronias e diacronias.

5. Para além destas missões em Angola, são relevantes os vários trabalhos realizados em museus americanos e europeus. É de realçar que a sua acção se tem cruzado frequentemente com os interesses angolanos e portugueses, tendo sido manifesto o seu respeito profundo pela história dos dois povos irmãos, Portugal e Angola. Em Portugal, realizou um trabalho notável de tratamento e de inventariação das colecções de arte Tshokwe, nomeadamente no Museu de Etnologia de Lisboa, no Museu de Antropologia de Coimbra e no Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa no Porto, instalado neste belo edifício que hoje nos acolhe. Colaborou nas obras de homenagem a dois pioneiros da antropologia na Universidade do Porto: António Jorge Dias e Ernesto Veiga de Oliveira<sup>5</sup>.

6. O *curriculum* científico de Marie-Louise Bastin reúne cerca de oitenta títulos, incluindo obras individuais e outras colectivas e numerosos artigos consagrados à antropologia da arte angolana. Permito-me destacar cinco livros individuais e um trabalho colectivo, por serem das melhores obras de referência especializada, constituindo o reportório mais valioso da arte Tshokwe: *Art Décoratif Tshokwe* (1961), 2 vols., Publicações Culturais do Museu do Dundo, Lisboa; *Statuettes Tshokwe du héros civilisateur “Tshibinda Ilunga”* (1978), Arnouville; *La sculpture Tshokwe* (1982), Meudon; *Introduction aux Arts d’Afrique Noire* (1984), Arnouville; *Escultura angolana. Memorial*

<sup>5</sup> M.-L. Bastin, “Le Haut Fourneau «Lutengo»: Operation de la Fonte du Fer et Rituel chez les Tshokwe du Nord de la Lunda (Angola)” in A.A.V.V., *In Memoriam António Jorge Dias*, vol III, Museu de Etnologia de Lisboa, 1974, págs. 59-69, e M.-L. Bastin, “Hypothèse sur l’origine des découpes chantournées de quelques sceptres des Tshokwe (Angola)”, in A.A.V.V., *Estudos de Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos de Etnologia, 1989, págs. 39-54

de culturas (1994), Lisboa, Sociedade Lisboa '94; "*Chokwe Art: Wealth of Symbolism and Aesthetic*"<sup>6</sup>.

É de salientar a juventude intelectual de Marie-Louise Bastin que prepara actualmente a publicação de dois novos trabalhos sobre a "Arte de Angola" e "Figuras rituais mahamba e wanda".

7. Do seu *curriculum* científico ressalta ainda uma outra vertente fundamental, relativa à avaliação internacional de obras de arte, efectuada em diversos museus da Europa e da América do Norte, nomeadamente em Londres para a *Christie's* e em Paris para a *Drouot*. Entregou-se a esta tarefa com inteligência e rigor, mostrando-se uma defensora intrépida e corajosa das políticas contra as pilhagens de África. Foi por ocasião de uma avaliação feita em Los Angeles, em 1976, que Marie-Louise Bastin descobriu, entre várias peças que estavam a ser leiloadas, a estatueta de *Tshibinda Ilunga*, que tinha sido mutilada com o objectivo de venda fraudulenta, tendo sido devolvida a Portugal, por intermédio da Embaixada portuguesa, ao Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa. Refira-se que se trata da representação mais célebre de um chefe chamado *Tshibinda Ilunga*, filho mais novo do grande chefe Luba, *Kalala Ilunga*. Com ele, iniciou-se a dinastia do *Mwata Yamvo* da Lunda. Tornou-se o modelo de caçador e o herói civilizador, algumas vezes representado sentado num trono, outras vezes de pé, nú ou vestido como um caçador.

8. Do seu percurso científico e académico, ressalta uma constante: a Senhora Professora Marie-Louise Bastin soube conjugar harmonicamente a investigação e a acção. Profissional actuante, entregou-se com inteligência e rigor a esta tarefa, emancipando-se do prestígio das teorias meramente abstractas e realizando uma síntese eficiente do trabalho de gabinete e do trabalho de campo, através de uma actividade constante, fecunda e independente. Soube avocar, assim, com excelência o lema camoneano: "honesto estudo com longa experiência misturado".

Magnífico Reitor, Senhores Vice-Reitores, Senhores Professores, Caros Estudantes da Universidade do Porto:

Em relação aos estudos africanos concretamente, Marie-Louise Bastin contribuiu para a mudança do paradigma do eurocentrismo para paradigmas dominantes do desenvolvimento cultural endógeno africano, realizando, assim, uma ruptura definitiva com a chamada

<sup>6</sup> Cf. Manuel Jordan (coord.) *Choke Art and Initiation among Tshokwe and Related Peoples (1998)*, Munique Londres Nova Iorque.

“política do espelho” associada à imagem do desenvolvimento cultural de África que confirmasse os pressupostos desenvolvimentistas europeus acerca de nós próprios. Este exemplo de Marie-Louise Bastin constitui para nós um repto: qual seja o de nunca deixar que a nossa Universidade se refugie apenas na busca teórica de conhecimentos científicos desligados da realidade e que podem descair na esterilidade, que às vezes afecta alguns sectores de estudos universitários; pelo contrário, é justo reconhecer que a Universidade do Porto aposta, cada vez mais, na implementação de novos cursos com uma ligação forte à comunidade. É neste contexto que julgo importante, porque inovadora, a acção recente do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras e do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, entre outros, certamente.

Aos investigadores e aos estudantes, Marie-Louise Bastin deixa uma mensagem significativa: a de contribuir para a dinamização da ciência, pelo estudo, pela experiência e pela humildade, que deve caracterizar todos aqueles que sabem e estudam. É isto que constitui, em meu entender, a ciência com consciência.

9. Seja-me permitido destacar a ajuda estimulante e serena de seu marido, Senhor António Enes Ramos. A sua inteligência e a sua afabilidade contribuíram para criar à volta do casal um ambiente de harmonia e de respeito. Evoco com saudade, neste momento solene, os debates estimulantes e plurais realizados e as experiências de diálogo proveitoso e de comunicação frutuosa vividas entre os colegas universitários portugueses e estrangeiros nos espaços de liberdade da Livraria *Présence Africaine* que o António Ramos dirigia em Bruxelas.

10. Ao homenagear Marie-Louise Bastin, ao acentuar os olhares cruzados e plurais das dinâmicas culturais, que ela desenvolveu com excelência, quero evidenciar um desafio de esperança, que é o de conhecer melhor para revalorizar, depois, os nossos recursos patrimoniais.

Um antigo adágio banto diz que os estrangeiros vêem apenas aquilo que conhecem. Assim sendo, conhecendo-se melhor, ver-se-á melhor e, conseqüentemente, amar-se-á melhor ainda. Quero destacar, igualmente, a vocação para servir a ciência com consciência, aquela perspectiva que Marie-Louise Bastin adquiriu ao longo do tempo, e que Ortega y Gasset chamava de um mundo visto como um “passo atrás”. Parece-me ser este o saber historicamente acumulado pela ciência e arte de Marie-Louise Bastin.

À Senhora Professora Marie-Louise Bastin vai ser concedido, pelo labor científico e pedagógico que desenvolveu ao longo de uma brilhante carreira, a todos os títulos notável, e “por motivo de honra”, o mais alto galardão conferido pela Universidade Portuguesa. A homenagem que a Universidade do Porto lhe presta é um reconhecimento à pioneira da classificação, da inventariação e da divulgação de arte Tshokwe, em Angola, em Portugal e nas academias internacionais, à defensora intransigente das políticas contra as pilhagens de África, à notável investigadora da Antropologia Cultural e à sólida e rigorosa Mestre universitária.

Termino, parafraseando Fernando Pessoa nos seus Poemas Dramáticos:

“Do fundo da inconsciência  
da alma sobriamente louca  
Tirei arte [poesia] e ciência  
E não pouca.”

(Fernando Pessoa, *Obras Completas - Poemas Dramáticos*, 1º Fausto, Canto X, Editora Nova Aguilar, S. A., 1976)